

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2025i37e68940>

## **ENTRE AS MARESIAS E ENCHENTES: Retrato das classes multisseriadas no período da cheia em uma escola rural da região de várzea do município de Alenquer-Pa**

Diogo dos Santos Vieira<sup>1</sup>

Luciandro Tássio Ribeiro de Souza<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O estudo em questão consiste em debater questões acerca das classes multisseriadas em uma escola rural situada na região de várzea do município de Alenquer-PA. Seguindo essa linha de raciocínio, as classes multisseriadas reúnem singularidades de alunos em diferentes faixas etárias em uma única sala de aula, gerando grandes desafios para o professor alfabetizar e realizar diversificadas atividades com os alunos. Perante a essas informações, este trabalho objetivou investigar quais são os principais desafios dos professores ao trabalhar com alunos de educação infantil e anos iniciais da educação básica nas classes multisseriadas em uma escola rural situada na região de várzea do município de Alenquer-PA. A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa de campo com abordagem qualitativa, que será utilizada como instrumento de coleta de dados, entrevistas e depoimentos de docentes que atuam nas classes multisseriadas. Os resultados apontam que os professores fazem o que podem para alfabetizar, buscando alternativas para deixar as aulas mais atrativas e que atendam os alunos de modo que não os deixem excluídos. Como considerações, observa-se que ainda há muito a ser aprimorado no contexto das escolas rurais em regiões de várzea, especialmente no que diz respeito à formulação de políticas públicas específicas e à formação docente adequada às peculiaridades geográficas e sociais dessas comunidades.

**Palavras-Chaves:** Classe multisseriadas; Escola; Região de várzea; Alunos; Alenquer-Pa.

### **ABSTRACT**

*The study in question consists of debating questions about multigrade classes in a rural school located in the floodplain region of the municipality of Alenquer-PA. Following this line of reasoning, multigrade classes bring together singularities of students in different age groups in a single classroom, generating great challenges for the teacher to teach literacy and carry out diversified activities with students. In view of this information, this study aimed to investigate what are the main challenges of teachers when working with students of early childhood education and early years of basic education in multigrade*

<sup>1</sup> Pedagogo pela Universidade Luterana do Brasil - (ULBRA), Graduando em Ciências Sociais pela Escola Técnica Professor Everardo Passos- (ETEP). Especialista em Ciências Sociais pelo Instituto Mineiro de Educação Superior IMES; Especialista em Docência e Prática das Artes Visuais pela faculdade Fócus Paraná; Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Educação Especial pela Faculdade Venda Nova do Imigrante FAVENI. Mestre em Ciências da Sociedade pela Universidade Federal do Oeste do Pará – (PPGCS/UFOPA)., ORCID: 0000-0001-5128-6772, <http://lattes.cnpq.br/1973187048829511>; [diogoviei123.stm@gmail.com](mailto:diogoviei123.stm@gmail.com)

<sup>2</sup> 2 Graduado em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa - (ULBRA). Graduado em Informática Educacional – (UFOPA). Especialista em Letras - Português e Literatura - (FAVENI). Especialista em Educação especial, inclusiva e libras (ESTRATEGIO). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de vida da Universidade Federal do Oeste do Pará – (PPGSAQ/UFOPA). Doutorando em Ciências Ambientais pelo programa de pós-graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento da Universidade Federal do Oeste do Pará – (PPGSND/UFOPA). ORCID: 0000-0002-8151-5545; <http://lattes.cnpq.br/3045019972599409> , [tassyandrosouza4193@gmail.com](mailto:tassyandrosouza4193@gmail.com)

*classes in a rural school located in the floodplain region of the municipality of Alenquer-PA. The methodology used in this work is field research with a qualitative approach, which will be used as an instrument for data collection, interviews and testimonies of teachers who work in multigrade classes. The results indicate that teachers do what they can to teach literacy, looking for alternatives to make classes more attractive and that serve students in a way that does not leave them excluded. As considerations, It is observed that there is still much to be improved in the context of rural schools in floodplain regions, especially regarding the development of specific public policies and teacher training suited to the geographical and social particularities of these communities.*

**Keywords:** Multigrade class; School; Floodplain region; Students; Alenquer-Pa.

## **RESUMEN**

*El estudio en cuestión consiste en debatir preguntas sobre las clases multigrado en una escuela rural ubicada en la región de la llanura aluvial del municipio de Alenquer-PA. Siguiendo esta línea de razonamiento, las clases multigrado reúnen singularidades de estudiantes de diferentes grupos etarios en una misma aula, generando grandes desafíos para que el docente enseñe a leer y escribir y realice actividades diversificadas con los estudiantes. Ante estos datos, el presente estudio tuvo como objetivo indagar cuáles son los principales desafíos de los docentes al trabajar con estudiantes de educación inicial y primeros años de educación básica en clases multigrado en una escuela rural ubicada en la región de la llanura aluvial del municipio de Alenquer-PA. La metodología utilizada en este trabajo es la investigación de campo con enfoque cualitativo, la cual será utilizada como instrumento para la recolección de datos, entrevistas y testimonios de docentes que laboran en clases multigrado. Los resultados indican que los docentes hacen lo que pueden para enseñar a leer y escribir, buscando alternativas para hacer las clases más atractivas y que atiendan a los estudiantes de una manera que no los deje excluidos. Como consideraciones Se observa que aún hay mucho por mejorar en el contexto de las escuelas rurales en regiones de várzea, especialmente en lo que respecta a la formulación de políticas públicas específicas y a la formación docente adecuada a las particularidades geográficas y sociales de estas comunidades.*

**Palabras clave:** Clase multigrado; Escuela; Región de llanuras aluviales; Estudiantes; Alenquer-Pa.

## **INTRODUÇÃO**

A educação na Amazônia é um instrumento imprescindível, onde têm absoluta importância no crescimento profissional e na qualidade de vida de muitos que vivem aqui. Neste sentido, para se ter sucesso e bons desempenhos, é necessário romper paradigmas adjetivados pela sociedade dominante, que praticamente desconhece ou desvaloriza as heterogeneidades e as escassezes geográficas, e pensar em políticas públicas de formação de professores com melhorias e modelos educacionais que contemplem o contexto de diversidade existente e uma educação de qualidade para todos.

Neste sentido, de acordo com as autoras Oliveira e Santos (2011), é necessário a realização de estudos e pesquisas sobre todas as problemáticas, e, principalmente, sobre as políticas públicas e programas de formação de professores que possam ultrapassar os limites da cidade e contemplar as várias outras localidades de rios, planaltos e várzeas para que venha melhorar o ensino educacional no meio rural-ribeirinho. Para as autoras, é imprescindível pensar em modelos educacionais na Amazônia a partir da Amazônia.

De acordo com os autores Campos e Souza (2020) *apud* Seiffert-Santos e Téran (2011), os modelos educacionais na Amazônia devem ser pensados buscando motivações ligadas à realidade de desenvolvimento da região, voltado à sustentabilidade e em propostas inovadoras contextualizadas para os estudantes amazônicos. Todavia, essas motivações devem estarem centradas em um ensino onde

O aluno aprende a partir do seu conhecimento prévio, para que ocorra a valorização em relação às atribuições de valores e a observação do contexto sociocultural. Vale ressaltar que não se desconsidera o processo cognitivo escolar, mas revelará a importância dos valores e saberes prévios. Isso é indispensável quando se pensa em pluralidade cultural, como é o caso do contexto amazônico, um lugar com muitos povos diferentes, com línguas maternas diferentes e de identidade particular (SEIFFERT-SANTOS; TÉRAN, 2011, p. 218).

Todavia, quando se trata das escolas rurais situadas na região de várzea cujo modelo abordado é o de classes multisseriadas, os recursos são bem mais escassos, cabendo ao docente a busca incessante de materiais acessíveis e alternativos propícios à realidade.

De acordo com Surgik (2005) *apud* Sá e Corrêa (2016) a região de várzea são áreas marginais ou ilhas formadas no leito dos rios modificadas periodicamente por ciclos regulares e anuais de enchente/cheia, vazante/seca de rios de águas claras, ricas em sedimentos, devido ao transbordamento do leito no intenso período de chuvas. Entretanto, as várzeas não são um ambiente homogêneo que se apresentam de igual forma em todas as localidades. Existem diferentes tipos de várzea que se distinguem umas das outras, principalmente, pelo relevo e pela formação vegetal. Desse modo, temos as várzeas altas, que pela altitude ficam submersas por um período menor de tempo, geralmente no auge da cheia, de abril a junho de cada ano, por sua vez, as várzeas baixas ficam inundadas por maior período e

Que determina o calendário escolar em virtude do período de enchente e posterior seca; com condições precárias de infraestrutura e distâncias que só podem ser percorridas por rio ou a pé por meio de estradas de chão construídas por pequenos ramais, enfim, uma realidade específica, tal como é cada região do país, marcada por seus próprios ciclos de colonização ou exploração, seja organizado ou não, mas cada qual com sua história (COSTA; CORREA, p. 2016, 80-81).

Mas o que são exatamente as classes multisseriadas? Qual a relação desta com a região de várzea? Antes de nos aprofundarmos no tema, vamos conceituar esse modelo educacional para dar ao leitor uma ideia do que estamos falando e porque é importante. Neste sentido, de

acordo com Moura e Santos (2012, p. 70), o fenômeno das classes multisseriadas ou unidocentes, trata-se:

Da junção de alunos de diferentes níveis de aprendizagem (normalmente agrupadas em “séries”) em uma mesma classe, geralmente submetida à responsabilidade de um único professor, tem sido uma realidade muito comum dos espaços rurais brasileiros, notadamente nas regiões Nordeste e Norte.

Esse fenômeno afeta os alunos da maioria das escolas rurais e, como mencionado anteriormente, tem a maior incidência nas regiões Norte e Nordeste. Portanto, em nenhum momento essa forma particular de educação pode ser excluída do debate atual. Porém, ao contrário, o que se observa é que diante desse problema, envolve-se aspectos como a falta de políticas públicas rurais e a falta de educação do campo que acabam tornando complexa a aprendizagem de alunos, e que ainda se faz evidente na atuação de docentes com suas trajetórias e suas aflições perceptíveis ao não ter dado conta de comandar este modelo educacional, onde existem alunos com faixas etárias e níveis de escolaridades diferentes, ou por não ter recebido formações pedagógicas palpáveis sobre este modelo educacional.

Perante estas informações, o presente estudo, tem como finalidade compreender as condições reais existentes nas escolas rurais situadas na região de várzea, assim como as práticas dos docentes que atuam nas classes multisseriadas de educação infantil e anos iniciais da educação básica em uma escola rural situada na região de várzea do município de Alenquer-PA<sup>3</sup>.

Hage (2011), complementa que são necessários muitos estudos a serem explorados em relação às classes multisseriadas e educação do campo, onde favoreçam: a construção de currículos que contemplem de fato, as peculiaridades de vida da população do campo, principalmente, da região de várzea.

Assim sendo, com os resultados desta pesquisa, espera-se gerar e produzir conceitos e conhecimentos da realidade dos docentes que atuam nas classes multisseriadas de escola rural situada na região de várzea do município de Alenquer-PA, assim como recomendar direções quanto à formação e as qualificações de professores garantido bases sólidas e a compreensão da realidade para a atuação profissional nas turmas multisseriadas.

## **A cheia na Amazônia e vida do ribeirão**

---

<sup>3</sup> Alenquer é uma cidade do Estado do Pará. Os habitantes se chamam alenquerenses. O município se estende por 23 645,4 km² e contava com 56 789 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 2,4 habitantes por km² no território do município. Alenquer se situa a 55 km ao Norte-Oeste de Santarém. Situado a 37 metros de altitude, de Alenquer tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 1° 56' 33" Sul, Longitude: 54° 44' 15" Oeste. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-alenquer.html>>. Acesso em: jul. de 2022.

O período de inverno acarreta a cheia dos rios da Região Amazônica, no qual acontece entre dezembro e maio, é um período que traz diversos entraves de muitos que vivem às margens do rio, onde é necessária a construção de grandes casas com assoalhos e marombas para que a criação de animais ou vegetais não sejam perdidas. Quando a enchente ultrapassa o esperado, muitos ribeirinhos procuram comunidades de terra firme, ou procuram a cidade de seu município.

Outra particularidade, por sinal, deficitária, mostra-se nas condições logísticas da região e seus reflexos nos modos de vida das populações locais que, diariamente, convivem com a ausência de direitos básicos fundamentais: falta de saneamento básico, saúde, educação, segurança, qualidade de vida etc., principalmente os ribeirinhos que residem às margens de rios (SOARES et al., 2020, p. 169).

Em consonância com os autores, José Luís Sanfelice (2016, p. 8) apresenta uma caracterização sócio-histórica desses sujeitos, destacando que:

Grande parte dessa população vive determinada pelo ritmo das águas cheias ou vazantes dos grandes rios. Para aquelas populações a ocupação dos espaços físicos, a organização da temporalidade da produção para a subsistência, as relações sociais de parentesco e comunitárias tornam-se muito específicas. São as diversidades que foram herdadas das tradições, as diversidades já contrárias à tradição e, a diversidade das diversidades.

Esses povos diferenciam-se, assim, dos demais na medida em que são capazes de organização sócio-histórica conducente à sobrevivência, de produzir sua própria cultura e modo de vida, capazes de resistência ao longo da história e, ainda que minimamente, no campo do reconhecimento que estabelece seu status no direito público. Nesse sentido, o estudo dos ambientes locais em realidades como a Região Amazônica torna-se a base para explicar as mazelas da sociedade brasileira, desvelando instituições e políticas abandonadas, negligenciadas e ineficazes que minam o compromisso e a ajuda às minorias, que segundo Corrêa e Hage (2011, p. 84-85) entre essas populações, que habitam a região:

Encontram-se indígenas, quilombolas, caboclas ribeirinhas e da floresta, sem-terra, assentadas, pescadores, camponesas, posseiras e migrantes, oriundas, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras populações.

Com isso, essa é a realidade dos ribeirinhos no período da cheia, onde na Mesorregião do Baixo Amazonas<sup>4</sup> não é diferente, a precarização e a extrema pobreza de muitos ribeirinhos os deixam muitas das vezes desabrigados havendo:

A necessidade de se levar em consideração isso na implementação de políticas públicas para a região, respeitar as especificidades e compreender que, as condições que aqui se apresentam tornam tudo mais complexo. Por exemplo, uma cidade que fica a 100 km na região sul e sudeste é considerada próxima e de fácil acesso. Já em alguns contextos amazônicos é de difícil acesso, pois muitas vezes esse transporte só se dá através de embarcações precárias que levam horas e horas para alcançar seu destino. Na maioria das vezes essas especificidades são totalmente desconsideradas pelos implementadores das políticas o que leva ao agravamento das distorções que já são gigantescas entre as regiões brasileiras, em especial a Região Amazônica. No campo econômico, essa heterogeneidade também aflora, pois em um mesmo espaço observam-se métodos rudimentares de agricultura que se assemelham às primeiras civilizações (SANTANA; BRITO, 2018, p. 93).

Entretanto, com o passar dos tempos, segundo Sá e Corrêa (2016) os habitantes das comunidades ribeirinhas, adotaram outras atividades econômicas que se somaram às tradicionais atividades agroextrativistas, como o cultivo e comércio da juta, hoje sem muita relevância na economia local, mas que ainda pode ser observada em pequena escala, assim como a pesca comercial e a pecuária bovina e bubalina.

Essas duas últimas atividades sofrem influência direta do ciclo de enchente/cheia, vazante/seca dos rios da região tendo em vista que durante o pico das enchentes o rebanho tem que ser transportado para áreas de terra firme, áreas na região que não são inundadas em nenhum período do ano, logo não faz parte do ecossistema de várzeas, junto com o gado, as famílias com certo poder econômico migram para essas regiões refugiando-se em pequenas fazendas até o gado e os parentes poderem retornar ao ambiente de várzea, com a baixa das águas e o aparecimento do solo. Além dessas atividades os ribeirinhos de várzea cultivam, no período de seca, variedades de espécies vegetais para sua subsistência, como mandioca, para a produção de farinha e outros derivados, melancia, macaxeira, jerimum (abóbora), feijão, açaí, e vários outros, que com os artesanatos, como, por exemplo, cuias e esculturas em madeira produzidos na comunidade, são levados para serem comercializados nas cidades da região. Essas características marcam um ambiente econômico de pluriatividades que se desenvolvem concomitantemente na região e que marcam as especificidades da produtividade local. A locomoção nas comunidades de várzea durante a seca no solo se dá a pé, a cavalo, ou ainda em bicicletas. Pelos rios, lagos e igarapés – pequenos riachos –, o transporte fluvial se dá por embarcações de médio porte ou ainda por pequenos botes, que quando movidos a remo são denominados de canoas, e quando utilizam motor de popa denomina-se bajara (SÁ; CORRÊA, 2016, p. 90).

---

<sup>4</sup> A Mesorregião do Baixo Amazonas é composta por importantes municípios que fomentam a economia do estado do Pará. São 13 cidades que compõem o território do Baixo Amazonas: Alenquer, Almeirim, Belterra, Curuá, Mojuí dos Campos, Faro, Juruti, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Prainha, Santarém e Terra Santa. A região ocupa uma área superior ao do Reino Unido e da Coreia do Sul somadas (315,86 mil km<sup>2</sup>, 25% da área do Estado do Pará), e em 2014 sua população era de 770.275 habitantes. Disponível em: <<https://expedicaopara.com.br/mesorregiao/baixo-amazonas/>>. Acesso em: jul. de 2022.

Cabe frisar que os habitantes da comunidade de ribeirinhas, também vivem da pesca e agricultura da plantação de mandioca, para a realização da farinha amarela, conhecida como (farinha d'água) e a farinha de tapioca.

Outro recurso financeiro que procede na comunidade é a pesca de peixes e crustáceos, como, por exemplo, o camarão. A maioria dos peixes capturados é vendida para as comunidades vizinhas de terra firme e nas cidades locais.

Também, nas comunidades, existem associações de pescadores, onde “os mesmos vivem da cultura pesqueira artesanal sendo que na maioria das vezes a pesca é somente para o consumo familiar ou comunitário das pessoas que fazem parte daquela região” (SOUSA; MARTINS, 2020, p. 95). No qual procedem as reuniões, principalmente, relacionado ao período de defeso, onde é proibido capturar alguns peixes, tais como: pirarucu, tucunaré, curimatã, entre outros. Com isso, o rio é aspecto cultural da vida ribeirinha, onde estão as singularidades da sua identidade.

**Figura 1** – Realidade da cheia na cheia amazônica



**Fonte:** Pesquisadores (2022)

É desafiador o modo de vida dos ribeirinhos na época da cheia, mesmo com tantas dificuldades enfrentadas, eles nos ensinam como usar os recursos naturais sem degradar o meio ambiente, e para o autorreconhecimento e afirmação enquanto indivíduos pertencentes a uma comunidade dotada de cultura própria que se diferencia de outras, bem como também na:

Promoção de atividades que levem à interação, o cuidado, a preservação e conservação da biodiversidade e da sustentabilidade do meio ambiente em sua comunidade e na contribuição para o desenvolvimento sustentável e de forma não predatória e que evite o desperdício dos recursos naturais de sua comunidade (SÁ; CORRÊA, 2016, p. 98).



Com isso, a população ribeirinha que vive às margens do rio Amazonas historicamente, a partir da construção de suas territorialidades, têm contribuído, para que a natureza na relação com as águas, terras e com a floresta permaneçam vivos. Portanto, os sujeitos da região ribeirinha, nos instruem como eles produzem suas sobrevivências e resistências e ao mesmo tempo protegem a natureza e as riquezas na Região Amazônica.

### **Escola da várzea e classes multisseriadas no período da cheia**

Neste tópico, apresenta-se, a questão da escola da região de várzea e as classes multisseriadas no contexto amazônico. Cabe frisar que, durante período da cheia, na Mesorregião do Baixo Amazonas, as escolas enfrentam grandes mudanças e adaptação no calendário anual. Gestores e professores precisam adaptar as atividades escolares, levando grandes desafios para quem vive às margens do rio.

**Figura 1** – Escola na várzea no período da cheia



**Fonte:** Pesquisadores (2022)

As imagens, acima, transfiguram a realidade de muitas escolas multisseriadas que estão situadas no município de Alenquer, região de várzea no período da cheia, na Mesorregião do Baixo Amazonas.

As escolas ficam submersas, onde se torna impossível de serem frequentadas pelos estudantes e os demais funcionários que trabalham no ambiente educativo. Para contornar a situação, as aulas acontecem de forma remota. A realidade escolar é um grande desafio, onde deve ser superado. No entanto, professores fazem de tudo reformulando as atividades educativas para que os alunos não fiquem prejudicados anualmente, com isso, os alunos vão apanhar as atividades de bajara ou canoa na casa dos professores.





# Artigo



Para Carvalho e Silva (2020, p.70):

Educar na Amazônia é dar voz ao povo das águas que no seu cotidiano criam rastro de saberes para dentro da escola, onde mesmo que não institucionalmente um currículo específico das e para as escolas ribeirinhas seja referenciado, os professores desta Unidade Pedagógica se esforçam para isso, os alunos letram sua cultura por dentro do que a escola traz para eles e os moradores das ilhas pesquisadas valorizam a escola dando a ela um lugar de excelência.

É necessário compreender a singularidade e os aspectos escolares, inclusive a formação de professores que atuam em classes multisseriadas nas escolas ribeirinhas no período da cheia na Mesorregião do Baixo Amazonas. Mas antes dessas constatações, é necessário compreender o conceito de classes multisseriadas.

De acordo com Ximenes e Colares (2003), as classes multisseriadas, consistem em agregar diversos alunos de diferentes séries em um único espaço físico com um único professor ministrando as aulas. Conforme a afirmação das autoras, torna-se complexo, ministrar aulas com alunos em diferente faixa etária, trabalhando em contextos diferentes, e nessas turmas existem alunos que estão mais avançados do que outros, ou seja, tem aluno que não é alfabetizado e avança de série.

Ximenes e Colares (2003), afirmam ainda, que o perfil das escolas multisseriadas é estabelecido nas comunidades rurais, como ribeirinhas e quilombolas existentes na Mesorregião do Baixo Amazonas, por muita das vezes, com condições precárias.

Compreende-se, desta forma, a existência de inúmeros entraves da parte do professor, por não ter formação suficiente para atuar naquele modelo educacional, evidenciando um grande problema, pois muitos professores acabam sendo lotados para atuar naquele cargo sem ter nenhuma experiência.

Rocha e Hage (2010), salientam que os docentes que atuam neste modelo educacional, ou seja, nas classes multisseriadas, não estão firmemente preparados para ministrar esse tipo de tarefa, pois demonstram dificuldades na elaboração dos materiais pedagógicos, na reformulação dos planos de aula e avaliação de cada série.

Chizzotti e Silva (2018), apontam que é desafiante como os professores e estudantes das classes multisseriadas das regiões ribeirinhas se sobressaem no período da cheia. Nessa perspectiva, fica claro a necessidade de posicionamentos elaborados dos conhecimentos, das políticas públicas e das universidades, para promover uma educação de qualidade, onde preza a cidadania.

Com essas contestações, foi possível verificar, o quanto é desafiador o período da cheia na Mesorregião do Baixo Amazonas, onde escolas, alunos e professores são os que ficam mais prejudicados, e mesmo neste contexto adverso, lutam por uma educação de qualidade sem desigualdades sociais.

## METODOLOGIA

Para realização deste trabalho, utilizou-se a pesquisa de campo com abordagem qualitativa, amparados em pesquisas bibliográficas. Quanto ao instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista. Com isso, “A entrevista é uma reunião de duas pessoas, onde tem como objetivo de levantar informações de uma delas, sobre um apurado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 2007).

Partindo deste pressuposto, a pesquisa teve como início, pesquisa bibliográfica em artigos científicos e livros sobre a temática em questão. Seguidamente, foi elaborada as perguntas das entrevistas. Posteriormente, foi realizada a entrevistas com os professores que atuam nas classes multisseriadas em uma escola localizada na área de várzea do município de Alenquer/PA. No total, foram coletadas 5 respostas de professores que atuam nas classes multisseriadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre a ótica deste trabalho, enfatizamos, que este tem como objetivo verificar e contextualizar a visão de professores que atuam nas classes multisseriadas no período da cheia na Mesorregião do Baixo Amazonas. Com isso, foi estipulado uma entrevista com quatro (4) perguntas direcionadas aos docentes que atuam nas classes multisseriadas nas escolas da região de várzea. Com base nas entrevistas com os professores, as palavras mais utilizadas, conforme a nuvem de palavras abaixo foram:

**Figura 1 - Título da figura**



**Fonte:** Pesquisadores (2022)

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V. 2 n37e68940

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUCSP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

Com base na nuvem de palavras, foi possível verificar que há uma singularidade de palavras em comum, durante os depoimentos realizados ao longo das entrevistas. Perante estas constatações, elaborou-se quatro perguntas abertas direcionadas aos 5 docentes entrevistados. Dois docentes atuam na educação infantil, nas turmas do pré I, II e III, e dois docentes atuam nas séries do ensino fundamental I (anos iniciais). Mostrado no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1 – relação de professores entrevistados**

Nº	Cód.	Formação	Atua em Série
1º	P1	Licenciatura em pedagogia	Pré I, II e III
2º	P2	Magistério e segunda licenciatura em pedagogia	Pré I, II e III
3º	P3	Magistério	Anos iniciais, 1º a 5º ano
4º	P4	Licenciatura em letras portuguesa	Anos iniciais 1º a 3º ano
5º	P5	Licenciatura em geografia	Anos iniciais 4º ao 5º ano

**Fonte:** Pesquisadores (2022)

Com base nessa análise, a primeira pergunta direcionadas aos professores foi:

## 1. Quais são as maiores dificuldades no período da cheia?

*Professor 1: A maior dificuldade no período da enchente é a preocupação na alfabetização dos alunos, como eu trabalho com turmas multisseriadas, tento elaborar as atividades de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos. (P1)*

*Professor 2: Uma das maiores dificuldades é elaborar as atividades de acordo com as demandas dos alunos. O período da cheia é o mais perigoso, principalmente, para manter os alunos da educação infantil ativo nas aulas. A questão da água é um processo muito perigoso, por isso é recomendado que as aulas aconteçam de forma remota. (P2)*

*Professor 3: O período da cheia, aqui, para nós, é o mais arriscado de todos, pois a água e os animais peçonhentos são os mais temidos na região de várzea. (P3)*

## 2. Como são elaboradas e entregues as atividades?

*Professor 4: No período da cheia, nós temos uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação SEMED, eles elaboram as atividades impressas, o diretor vai apanhar as atividades na cidade, onde é marcado um dia da entrega e da devolução delas, no qual os pais dos alunos vão buscar de canoa e bajara as atividades. (P4)*

*Professor 5: A maioria das atividades são elaboradas por nós professores, por mais que tenha ajuda da SEMED. As atividades são elaboradas manualmente de acordo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e são reproduzidas na escola. Os pais vão buscar atividades de bajara na escola. (P5)*

3. Quais são as maiores dificuldades em relação a inserção de alunos nas classes multisseriadas?

*Professor 1: Para mim, a maior dificuldade, é trabalhar a interdisciplinaridade com todos os alunos em uma única sala de aula. (P1)*

*Professor 2: A dificuldade encontrada é alfabetizar alunos da educação infantil e trabalhar o letramento com os alunos mais avançados, pois a classe que eu atuo possui alunos da educação infantil e dos anos iniciais, mesmo os alunos não obtendo bons resultados anualmente, é necessário avançá-lo de ano. (P2)*

*Professor 3: Na minha concepção, a dificuldade que a gente mais enfrenta, é em relação adequar as atividades para todos os alunos, tento sempre trabalhar de forma lúdica para que todos aprendam de forma igualitária para que não se sintam excluídos. (P3)*

*Professor 4: Para mim, a maior dificuldade de trabalhar nas classes multisseriadas, é manter a atenção de todos os alunos durante a aula. Outra questão, é alfabetizar todos os alunos para que não fiquem prejudicados. (P4)*

*Professor 5: Algumas dificuldades. Quero mencionar que adaptar as atividades e trabalhar a coletividade dos alunos é um desafio. Como eu sou geógrafo e não tenho formação pedagógica, se torna mais difícil trabalhar com esse tipo de série. Eu fui lotado para esse trabalho, então foi a única alternativa para eu não ficar desempregado. Com isso, tento dar meu melhor. (P5)*

4. O que precisa ser melhorado em relação ao sistema da várzea e as escolas multisseriadas?

*Professor 1: As classes multisseriadas das escolas da região de Várzea precisam ter um olhar mais direcionado, nesse sentido, um olhar que contemplem melhorias tanto na educação, infraestrutura e na formação de professores. (P1)*

*Professor 2: Precisamos de muitas melhorias, entre elas, precisamos de pessoas que entendam de políticas públicas, que entendam as demandas e a realidade das escolas das várzeas e as classes multisseriadas existentes no interior da Amazônia. (P2)*

*Professor 3: Há muitas mudanças a serem feitas, entre elas, a infraestrutura da escola, que merecem boas condições, principalmente, no período da cheia.*

*É necessário frisar que, precisamos de ferramentas tecnológicas para suprir as demandas de nossa escola e comunidade. (P3)*

*Professor 4: Precisamos de um currículo específico para as classes multisseriadas e formação de professores que supram as nossas necessidades e a necessidade dos nossos alunos. (P4)*

*Professor 5: Necessariamente, precisamos, de políticas públicas e a intervenção do estado para que tenha melhoria. Com isso, precisamos que as lideranças locais junto das demais comunidades cobrem melhorias dos grandes representantes. (P5)*

Com base nas constatações e os relatos dos docentes, enfatizamos que há diversos entraves nas escolas multisseriadas no período da cheia. Sendo assim, foi possível verificar ainda que os professores clamam por melhorias no processo de ensino aprendizagem, infraestrutura e formação de professores.

## CONSIDERAÇÕES

Pensar em uma educação amazônica não é uma tarefa fácil. Requer muita reflexão, leitura, pesquisa e vontade de entender os processos de mudança e transformação que a região está passando atualmente e como eles se refletem na própria sociedade. Como amazônidas, é necessário a existência de um lugar no “palco de fala”, no debate sobre a Amazônia. Atualmente, há muitas tendências no ensino, mas temas problematizados no processo de ensino e aprendizagem condizentes com a realidade acende a necessidade de entendermos que o "conhecimento" específico da região amazônica, desde a flora e fauna até o conhecimento que busca explicar os mitos e lendas imaginárias. Nessa perspectiva, reconhecer esse conhecimento, é propor um currículo contextualizado, que promova a formação de uma disciplina que pense o seu lugar com respeito e responsabilidade. Mas é preciso impulso e ação política para iniciar essas mudanças.

Diante da diversidade regional, das questões ambientais e dos padrões de desenvolvimento, a educação precisa focar no ensino que possa promover a formação individual e crítica, não só quanto ao conhecimento técnico e científico, mas também capaz de manter sua visão objetiva dos fenômenos que ocorrem na sociedade, assim como nos aspectos de seu ambiente. Esse processo de conhecimento é essencial para compreender as dificuldades que surgem entre as grandes questões da Amazônia e sua interface com a educação, tais como: questões agrícolas, território e meio ambiente; biodiversidade; recursos hídricos e minerais; multiculturalismo; etc.

Assim sendo, no currículo escolar da educação básica, o foco está na especificidade e na diversidade que compõem os elementos da cultura e da educação amazônica, no qual a educação básica deve expressar diferenças, contradições, raças, formas de existência, estabelecendo momentos transformadores e que realmente contém essas singularidades. É um desafio permanente pensar e fazer educação na Amazônia, respeitando as necessidades nacionais e relacionando-se com sua diversidade, entretanto, parte-se do pressuposto de que “a educação não é apenas ciência, mas sim, múltiplos conhecimentos”, pois se considera um currículo homogêneo. Diante de realidades tão diferentes, é necessário desenvolver e implementar ações políticas.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Andria R. C.; SOUZA, Ednilson S. R. Ensino de ciências no contexto amazônico: refletindo sobre a educação em ciências. IN: COLARES, A. A.; RODRIGUES, G. C. L.; COLARES, M. L. I. S. (Orgs.) Educação e realidade Amazônica. Vol. V. Campinas/SP: Editora navegando, 2020.

CORRÊA, S. R. M.; HAGE, S. A. M.; A Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais. Revista NERA. Ano 14, n. 18, p. 79–105. 2011.

COSTA, Danielle C. B.; CORREA, Martina S. UMA ESCOLA PARA A AMAZÔNIA? In: Colares, Anselmo A.; Colares, Maria L. I. S. (Orgs). Educação e realidade amazônica Vol. I. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HAGE, Salomão Mufarrej. Educação do campo, legislação e implicações na gestão e nas condições de trabalho de professores das escolas multisseriadas. In. 2º Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação, 2011, São Paulo. V.1.

MOURA, Terciana V.; SANTOS, Fábio J. S. A pedagogia das classes multisseriadas: uma perspectiva contra hegemônica às políticas de regulação do trabalho docente. Revista Debates em Educação, UFRB/UNEB, 2012.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; SANTOS, Tânia Regina Lobato (Ed.). Educação em classes multisseriadas na Amazônia: singularidade, diversidade e heterogeneidade. EDUEPA, 2011.

ROCHA, S. H. X.; COLARES, M. L. I. S. A organização do espaço e do tempo escolar em classes multisseriadas: na contramão da legislação. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 13, n. 50, p. 90–98, 2013. DOI: 10.20396/rho.v13i50.8640296.

ROCHA, M. I. A.; HAGE, S. M. (Org.). Escola de direito reinventando escola multisseriada. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.





# Artigo



SÁ, Erivelton F.; CORRÊA, Talita A. Educação infantil do campo: relações entre o geral e o específico nas propostas pedagógicas e no trabalho docente com as crianças da várzea amazônica? In: Colares, Anselmo A.; Colares, Maria L. I. S. (Orgs). Educação e realidade amazônica Vol. I. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.

SANFELICE, José Luis. Prefácio. In: COLARES, A. A.; COLARES, M. L. I. S. Educação e Realidade Amazônica. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016, p. 7-9.

SANTANA, Tiago A. S.; BRITTO, Luiz P. L. Pós-graduação na amazônia: desafios para expansão e melhoria da qualidade. In: COLARES, Maria L. I. S.; PEREZ, José R. R.; CARDOZO, Maria J. P. B. Educação e realidade amazônica. Volume 3. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

SILVA, Tatiana de Sousa. Trabalho docente em escolas rurais multisseriadas. 2017. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, 2017.

SOARES, Lucas et al., Diversidade cultural na amazônica: desafios e perspectivas. In: COLARES, A. A.; RODRIGUES, G. C. L.; COLARES, M. L. I. S. (Orgs.). Educação e realidade amazônica – Volume 5. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

SOUSA, Julliany X.; Martins, Simone K. R. Conceitualizações de território amazônico e um retrato histórico das questões agrárias no Brasil. In: IN: COLARES, A. A.; RODRIGUES, G. C. L.; COLARES, M. L. I. S. (Orgs.) Educação e realidade Amazônica. Vol. V. Campinas/SP: Editora navegando, 2020.

SURGIK, A.C.S. Estudos jurídicos para a várzea amazônica. In: BENATTI, J.H. [et al.]. A questão fundiária e o manejo dos recursos naturais da várzea: análise para a elaboração de novos modelos jurídicos. Manaus, AM: Edições IBAMA/ ProVárzea, 2005.

**Recebido em: 2024-10-31**

**Aprovado em: 2025-03-05**